



RELATO DE EXPERIÊNCIA – USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO APOIO AO PLANEJAMENTO ESCOLAR

EXPERIENCE REPORT – THE USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE TO SUPPORT SCHOOL PLANNING

Camilly Vitória Rodrigues de Jesus¹

Ilma Rodrigues de Souza Fausto²

RESUMO EXPANDIDO

O avanço das tecnologias digitais tem impactado significativamente os processos educacionais, trazendo à tona discussões sobre como integrar recursos inovadores à prática pedagógica sem comprometer a essência do ensino. Nesse contexto, a inteligência artificial (IA) emerge como uma ferramenta promissora para apoiar professores em tarefas que demandam tempo e organização, como o planejamento escolar. Este relato de experiência descreve uma vivência ocorrida durante meu estágio em uma escola pública de ensino fundamental II e médio, destacando reflexões sobre o uso responsável da IA no planejamento docente. Ao iniciar minha fase de regência, pude observar de forma mais próxima os desafios enfrentados pelos professores na rotina escolar. Entre esses desafios, a elaboração de planos de aula e atividades se mostrou uma das tarefas mais complexas, especialmente diante da carga horária extensa e das múltiplas demandas administrativas. Durante um intervalo na sala dos professores, presenciei uma conversa que ilustrou bem essa realidade: docentes compartilhavam suas dificuldades em conciliar tempo e qualidade na produção de planejamentos. Nesse momento, meu professor preceptor revelou que vinha utilizando a inteligência artificial como ferramenta de apoio em sua prática pedagógica. Segundo ele, ao definir claramente os objetivos de suas aulas, recorria à IA para organizar ideias e estruturar textos de forma rápida e fundamentada, realizando apenas ajustes finais para adequar ao contexto da turma. Essa estratégia, conforme relatou, permitia economizar tempo e energia, sem abrir mão da qualidade. A fala do preceptor gerou reações diversas entre os professores presentes. Alguns enfatizaram a importância do planejamento tradicional, demonstrando resistência à adoção de tecnologias que, segundo eles, poderiam comprometer a autoria docente. Outros, porém, mostraram curiosidade e interesse em compreender como integrar a IA de maneira prática e ética. Em outra ocasião, o próprio preceptor nos incentivou a explorar esses recursos como suporte para clarear ideias e elaborar atividades, aproveitando melhor as ferramentas já disponíveis na escola. Essa orientação despertou em mim reflexões sobre o papel da tecnologia na educação contemporânea

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Química - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO/Campus - Ji-Paraná-RO. Email v.camilly@estudante.ifro.edu.br

² Orientadora, Professora EBTT em Regime de Dedicção Exclusiva no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO/Campus - Ji-Paraná-RO - Orientadora, Doutora, e-mail: ilma.rodrigues@ifro.edu.br.



e sobre como ela pode se tornar uma aliada na prática pedagógica, desde que utilizada de forma crítica e responsável. A literatura corrobora essa percepção ao apontar que a integração da IA na educação não deve ser vista como substituição do professor, mas como um meio de potencializar sua atuação (Luckin et al., 2016). Segundo Holmes et al. (2019), a IA pode contribuir para personalizar processos de ensino e otimizar tarefas administrativas, liberando tempo para que o docente se dedique a atividades mais complexas, como a mediação pedagógica e o acompanhamento individualizado dos estudantes. No entanto, esses autores alertam para a necessidade de formação continuada, a fim de que os professores desenvolvam competências digitais e compreendam os limites e possibilidades dessas ferramentas. Durante minha experiência, percebi que o principal desafio não está apenas na adoção da tecnologia, mas na mudança de mentalidade. Muitos docentes ainda associam a IA a uma ameaça à sua autonomia, quando, na verdade, ela pode ser incorporada como recurso complementar. Como destaca Selwyn (2021), a resistência às tecnologias educacionais geralmente decorre de inseguranças relacionadas à perda de controle sobre o processo de ensino e à falta de familiaridade com os recursos digitais. Superar essas barreiras exige não apenas capacitação técnica, mas também um diálogo aberto sobre ética, autoria e inovação pedagógica. Outro aspecto relevante observado foi a importância da clareza nos objetivos pedagógicos. A IA, por si só, não garante qualidade no planejamento; ela depende das orientações fornecidas pelo professor para gerar conteúdos coerentes e alinhados às necessidades da turma. Essa constatação reforça a ideia de que a tecnologia não substitui a intencionalidade pedagógica, mas pode facilitar sua operacionalização. Conforme Moran (2018), a integração de tecnologias no ensino deve estar subordinada a um projeto pedagógico consistente, que valorize a aprendizagem significativa e a autonomia do estudante. A experiência relatada também trouxe à tona questões éticas relacionadas ao uso da IA na educação. É fundamental assegurar que esses recursos sejam utilizados de forma transparente, evitando práticas que possam comprometer a originalidade do trabalho docente ou induzir à dependência tecnológica. De acordo com Williamson e Piattoeva (2022), a crescente presença da IA nas escolas demanda políticas claras sobre privacidade, autoria e responsabilidade, para que sua utilização ocorra em consonância com princípios educacionais e sociais. Ao refletir sobre os resultados dessa vivência, percebo que minha visão sobre o papel da IA no contexto educacional se ampliou significativamente. Antes, eu via a tecnologia como um recurso distante da realidade escolar, restrito a ambientes altamente digitalizados. Hoje, compreendo que, mesmo em escolas públicas com infraestrutura limitada, é possível explorar ferramentas de IA para otimizar processos e enriquecer práticas pedagógicas, desde que haja intencionalidade e criticidade. Essa percepção está alinhada ao que afirma Kenski (2012), ao destacar que a tecnologia, quando integrada de forma consciente, pode transformar a dinâmica do ensino e promover novas possibilidades de aprendizagem. Aprendi, sobretudo, que o futuro da prática docente passa pela integração equilibrada entre tradição e inovação. Não se trata de abandonar métodos consagrados, mas de incorporar recursos que possam potencializar a ação pedagógica e responder às demandas de uma sociedade cada vez mais digital. Como argumenta Lévy (1999), a inteligência coletiva, mediada pelas tecnologias, pode ampliar horizontes e favorecer



processos colaborativos, desde que orientada por valores éticos e pedagógicos. Em síntese, este relato evidencia que a inteligência artificial, quando utilizada como ferramenta de apoio ao planejamento escolar, pode contribuir para otimizar o tempo do professor e enriquecer a qualidade das atividades propostas. No entanto, sua adoção requer formação, reflexão crítica e políticas institucionais que assegurem o uso responsável e ético. A experiência vivenciada reforça a necessidade de superar resistências e compreender a tecnologia não como ameaça, mas como oportunidade de inovação. Assim, acredito que a integração consciente da IA à prática docente representa um caminho promissor para a construção de uma educação mais dinâmica, inclusiva e alinhada às exigências do século XXI.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Planejamento Escolar; Prática Docente; Inovação Pedagógica; Tecnologia Educacional; Ensino Fundamental; Ensino Médio.

Expanded Abstract

The advancement of digital technologies has significantly impacted educational processes, sparking discussions on how to integrate innovative resources into pedagogical practice without compromising the essence of teaching. In this context, artificial intelligence (AI) emerges as a promising tool to support teachers in tasks that require time and organization, such as lesson planning. This experience report describes a situation that occurred during my internship at a public middle and high school, highlighting reflections on the responsible use of AI in lesson planning. As I began my teaching phase, I was able to observe more closely the challenges teachers face in their daily routines. Among these challenges, preparing lesson plans and activities proved to be one of the most complex tasks, especially given the extensive workload and multiple administrative demands. During a break in the teachers' lounge, I witnessed a conversation that illustrated this reality well: teachers shared their difficulties in balancing time and quality when producing lesson plans. At that moment, my mentor teacher revealed that he had been using artificial intelligence as a support tool in his teaching practice. According to him, by clearly defining the objectives of his lessons, he used AI to organize ideas and structure texts quickly and in a well-founded manner, making only final adjustments to adapt to the class context. This strategy, as he reported, allowed him to save time and energy without sacrificing quality. The mentor's statement generated mixed reactions among the teachers present. Some emphasized the importance of traditional planning, showing resistance to adopting technologies that, according to them, could compromise teacher authorship. Others, however, expressed curiosity and interest in understanding how to integrate AI in a practical and ethical way. On another occasion, the mentor encouraged us to explore these resources as a means to clarify ideas and develop activities, making better use of the tools already available at school. This guidance prompted me to reflect on the role of technology in contemporary education and how it can become an ally in pedagogical practice, provided it is used critically and responsibly. The literature supports this view by pointing out that integrating AI into education should not be seen as replacing the teacher but as a way to enhance their performance (Luckin et al., 2016). According to Holmes et al. (2019), AI can help personalize teaching processes and optimize administrative tasks, freeing up time for teachers to focus on more complex activities, such as pedagogical mediation and individualized student support. However, these authors warn of the need for ongoing professional development so that teachers can develop digital skills and understand the limits and possibilities of these tools. During my experience, I realized that the main challenge lies not only in adopting technology but in changing mindsets. Many teachers still view AI as a threat to their autonomy when, in



fact, it can be incorporated as a complementary resource. As Selwyn (2021) points out, resistance to educational technologies often stems from insecurities related to losing control over the teaching process and a lack of familiarity with digital tools. Overcoming these barriers requires not only technical training but also open dialogue about ethics, authorship, and pedagogical innovation. Another relevant aspect observed was the importance of clarity in pedagogical objectives. AI alone does not guarantee quality in planning; it depends on the guidance provided by the teacher to generate coherent content aligned with the class's needs. This finding reinforces the idea that technology does not replace pedagogical intentionality but can facilitate its implementation. According to Moran (2018), integrating technologies into teaching should be subordinated to a consistent pedagogical project that values meaningful learning and student autonomy. The experience also raised ethical issues related to the use of AI in education. It is essential to ensure that these resources are used transparently, avoiding practices that could compromise the originality of teachers' work or lead to technological dependency. According to Williamson and Piattoeva (2022), the growing presence of AI in schools demands clear policies on privacy, authorship, and responsibility so that its use aligns with educational and social principles. Reflecting on the outcomes of this experience, I realize that my view of AI's role in the educational context has expanded significantly. Previously, I saw technology as a resource distant from school reality, restricted to highly digitalized environments. Today, I understand that even in public schools with limited infrastructure, it is possible to explore AI tools to optimize processes and enrich pedagogical practices, provided there is intentionality and critical thinking. This perception aligns with Kenski (2012), who emphasizes that technology, when consciously integrated, can transform teaching dynamics and promote new learning opportunities. Above all, I learned that the future of teaching practice lies in the balanced integration of tradition and innovation. It is not about abandoning established methods but incorporating resources that can enhance pedagogical action and meet the demands of an increasingly digital society. As Lévy (1999) argues, collective intelligence, mediated by technologies, can broaden horizons and foster collaborative processes, provided it is guided by ethical and pedagogical values. In summary, this report shows that artificial intelligence, when used as a tool to support lesson planning, can help optimize teachers' time and improve the quality of proposed activities. However, its adoption requires training, critical reflection, and institutional policies that ensure responsible and ethical use. This experience reinforces the need to overcome resistance and understand technology not as a threat but as an opportunity for innovation. Thus, I believe that the conscious integration of AI into teaching practice represents a promising path toward building a more dynamic, inclusive education aligned with the demands of the 21st century.

Keywords: Artificial Intelligence; Lesson Planning; Teaching Practice; Pedagogical Innovation; Educational Technology; Middle School; High School.

REFERÊNCIAS

Holmes, W., Bialik, M., & Fadel, C. (2019). *Artificial Intelligence in Education: Promises and Implications for Teaching and Learning*. Boston: Center for Curriculum Redesign.

Kenski, V. M. (2012). *Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus.



Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Luckin, R., Holmes, W., Griffiths, M., & Forcier, L. B. (2016). *Intelligence Unleashed: An Argument for AI in Education*. Pearson.

Moran, J. (2018). *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais significativa*. São Paulo: Editora Senac.

Selwyn, N. (2021). *Education and Technology: Key Issues and Debates*. London: Bloomsbury.

Williamson, B., & Piattoeva, N. (2022). *Education Governance and Datafication*. London: Routledge.